

Organização
CITCEM/FLUP

Comissão organizadora
Carla Sequeira
Joana Lencart

Entrada Livre
www.citcem.org

As Oficinas de Investigação do CITCEM têm como principal objectivo o debate, alargado e transdisciplinar, de problemáticas de investigação, no sentido de cruzar questões teóricas e metodológicas e resultados de pesquisa.

As Oficinas de Investigação do CITCEM constituem, por isso, um espaço de divulgação e discussão regular de projectos de investigação individuais (teses de mestrado ou doutoramento, projectos de pós-doc, etc.) ou colectivos, dos investigadores e colaboradores do CITCEM, podendo associar investigadores de outros centros ou universidades nacionais e/ou estrangeiras.



OIC

— 2025
2026 —

CITCEM'S RESEARCH
WORKSHOPS

OFICINAS DE INVESTIGAÇÃO CITCEM

— 12-03-2026

— 14H30 —

FLUP —

SALA HUMANITIES LAB
(PISO 0, JUNTO À BIBLIOTECA CENTRAL)

S10

AS ARTES DOS METAIS EM PORTUGAL NOVAS PERSPETIVAS

PROPONENTE DA SESSÃO: CLÁUDIA COSTA PIRES

AS ARTES DOS METAIS EM PORTUGAL

NOVAS PERSPETIVAS

PROPONENTE DE SESSÃO: CLÁUDIA COSTA PIRES

ORADORES: ELISA FRIAS BULHOSA; CLÁUDIA COSTA PIRES; JOSÉ EDUARDO PEREIRA ARAÚJO; SOFIA PAIVA
MODERADORES: ANA CRISTINA CORREIA DE SOUSA, FLUP; ANA MENA, FBAUL

NOTAS BIOGRÁFICAS E RESUMOS

ELISA FRIAS BULHOSA (ORCID: 0009-0005-9862-099X)

Licenciada em História da Arte, pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto (2021), e mestre em História da Arte, Património e Cultura Visual, pela mesma (2023). No segundo ano de mestrado, realizou um estágio curricular no Centro Interpretativo de São Lourenço, ao abrigo da Câmara Municipal de Esposende, durante o qual desenvolveu um inventário e uma investigação científica centrados numa seleção de objetos de estanho e de latão que constam do achado de Belinho. Atualmente, trabalha na SPI - Sociedade Portuguesa de Inovação, dedicada a atividades de consultoria.

Metal após uma viagem: o papel da História da Arte

A presente comunicação foca-se nos resultados obtidos da inventariação e investigação de uma parte do núcleo em estanho e em latão do achado de Belinho, localizado no Centro Interpretativo de São Lourenço, em Esposende. Resultado de uma embarcação naufragada, a coleção em estudo é constituída por objetos comuns do quotidiano a bordo de uma embarcação moderna. O principal objetivo foi compreender formal e funcionalmente estes objetos, para além de aprofundar o seu contexto de produção e o seu contexto historiográfico. Na presente comunicação, pretende-se dissecar a metodologia aplicada na investigação, para além de se confrontar fontes internacionais com o conhecimento disseminado em Portugal e as metodologias aplicadas a nível internacional com a prática metodológica nacional.

CLÁUDIA COSTA PIRES (CIÊNCIA ID 6C19- 15EA-5F23)

aluna do Doutoramento em Estudos do Património, variante História da Arte, na FLUP, orientada pela professora Doutora Ana Cristina Sousa. É bolseira de Doutoramento da FCT (2023.02733.BD). É investigadora no CITCEM. É licenciada em História da Arte e mestre em História da Arte, Património e Cultura Visual pela mesma universidade. Realizou estágios em instituições como o V&A, MNSR e CIPA. GANHOU o "Prémio Incentivo" da Universidade do Porto em 2019 e a Bolsa de Mérito DGES em 2019/2020. Participou, como oradora, em conferências internacionais e publicou artigos em livros e revistas internacionais.

Salvas portuguesas dos séculos XV e XVI. Viagem de materiais, formas, imagens e ornamentos

Esta comunicação pretende investigar as salvas portuguesas dos séculos XV e XVI através da interpretação de inventários e do estudo de objetos preservados em coleções de museus portugueses e internacionais. A tipologia das salvas de "cardos e bestieiras" está presente na documentação portuguesa desde meados do século XV e início do século XVI. Nestas peças, encontram-se motivos vegetalistas e animalistas, guerreiros,

homens selvagens e motivos, como o padrão de ponta de diamante. A viagem dos materiais, formas, imagens e ornamentos utilizados nas salvas portuguesas será estudada no contexto dos intercâmbios culturais europeus. A compreensão da viagem das tipologias da salva/prato/tazza compreende as suas formas e funções em diferentes geografias. Para investigar os seus significados simbólicos e a fruição em Portugal, no final do século XV e início do século XVI, o foco são as suas formas, técnicas, materiais, imagens e funções.

JOSÉ EDUARDO PEREIRA ARAÚJO (ORCID 0009-0009-5729-6782)

Tem o Curso Prático de Técnico de Ourivesaria do CINDOR (2022). É licenciado em Gestão do Património Cultural pela Escola Superior de Educação do Porto (2023). Nesse âmbito, desenvolveu um estudo sobre a coleção particular do Arq.o Fernando Távora, no estágio que fez no Museu Nacional Soares dos Reis, e que apresentou como trabalho final. A convite do Museu participou, igualmente, no processo de receção da doação da coleção particular "Cândida e Vasco Duarte Silva" (2024). Atualmente, frequenta o Mestrado em História da Arte Património e Cultura Visual, estando a desenvolver uma dissertação subordinada ao tema: "Os Relicários da Diocese do Porto – materialidade e práticas devocionais em torno dos objetos", na qual foi bolseiro do CITCEM..

O Relicário do Santo Lenho no Contexto do Bispado Portuense – Nuances dos Tempos Modernos

'Na hierarquia das relíquias, a relíquia da Vera Cruz assume particular primazia. O sacrifício de Jesus oferecido ao Pai Eterno na cruz é entendido como penhor da salvação do género humano, sendo a cruz o símbolo maior do Cristianismo. A tradição atribui a Santa Helena, mãe do imperador Constantino, o achamento da verdadeira cruz na sua visita à Terra Santa, cerca do ano de 326. Exaltado desde tempos recuados em preciosos relicários, o Santo Lenho assume na Época Moderna grande destaque nas peças de ourivesaria concebidas para o conservar e expor. No Bispado Portuense constituíram-se interessantes relicários, cujo estudo é revelador de importantes fragmentos histórico-artísticos. São eles fundamentais a uma melhor caracterização da realidade artística regional, no capítulo da prataria do culto. A par da materialidade destes relicários anda sempre a devoção que, mais ou menos instituída, se afirma. É parte deste estudo que agora pretendemos dar a conhecer.

SOFIA PAIVA (ORCID)

Mestre em História da Arte, Património e Cultura Visual pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto (FLUP), tendo desenvolvido a investigação Ourivesaria Desportiva: As Taças por Votos do Sport Lisboa e Benfica (2024). Atualmente integra o Departamento de Reserva, Conservação e Restauro do Sport Lisboa e Benfica. Dedicar os seus estudos à ourivesaria desportiva, focando-se na valorização deste património e na análise das suas dimensões artísticas e culturais..

A Ourivesaria Desportiva em Portugal

O mais antigo troféu desportivo conhecido em Portugal data de 1854, correspondendo a uma oferta do rei D. Pedro V destinada a uma competição náutica. Esta peça pode ser considerada um marco simbólico na prática de premiar feitos atléticos com taças. Menos de um século depois, a produção destes objetos conheceu um crescimento exponencial, como comprova a exposição de cerca de dez mil troféus por ocasião da Exposição Triunfal do Desporto. Este evento testemunha a consolidação da prática de premiar conquistas desportivas com troféus bem como a sua importância na cultura desportiva nacional. Neste sentido, a partir do estudo da coleção do Sport Lisboa e Benfica, propomos uma abordagem à ourivesaria desportiva em Portugal ao longo do século XX, considerando as tipologias, materiais e repertórios formais utilizados.